

A RELAÇÃO ENTRE O DIÁLOGO FICCIONAL DE UM CONTO MACHADIANO E A CONVERSAÇÃO NATURAL

Amara Cristina B. S. Botelho (PE)

Este trabalho tem por objetivo a análise de diálogo ficcional (diálogo entre personagens) em um conto machadiano e a semelhança desse com a conversação natural. Como ponto de partida, esclarecemos que dividimos os contos, escritos por Machado a partir de 1881, em dois grupos:

- . contos em que o diálogo subordina o relato;
- . contos em que o relato subordina o diálogo.

A partir dessa divisão, esclarecemos uma classificação dos diálogos, considerando os tipos de discurso em que a interação entre os personagens se desenvolve e há maior ou menor interferência da instância narrativa. Assim, encontramos nos contos machadianos três tipos de diálogo:

- . explícito, formado pelos discursos direto e direto livre;
- . implícito, formado pelos discursos indireto, indireto livre e narrativizado;
- . misto, organizado por formas indiretas e diretas de discurso.

Restringiremos nossos comentários apenas a alguns aspectos da conversação natural que se fazem presentes nos diálogos que constituem a narrativa primária do conto *A desejada das gentes*.

Os contos pertencentes ao primeiro grupo são aqueles organizados pelo método dramático de apresentação direta, isto é, aqueles que tomam a forma de uma conversa face-a-face entre dois personagens,

na qual a narrativa vem a se inserir depois. Neles há ausência da figura do narrador tradicional, uma vez que os papéis de narrador e de narratário serão assumidos pelos personagens-locutores a partir de uma certa altura da interação. Isso ocorre em *A desejada das gentes*, conto que se constitui de um diálogo explícito face-a-face entre dois personagens masculinos que não são nomeados. O discurso introdutor do conto pertence ao personagem-locutor ⁽¹⁾ (personagem-locutor 1 — aquele que fala em primeiro lugar) e sugere que a interação é anterior ao início do conto, como podemos observar no segmento de diálogo abaixo:

PL1/médico/narratário: — “AH! CONSELHEIRO, aí começa a falar em verso.

PL2/conselheiro/narrador: — Todos os homens devem ter uma lira no coração, ou não seriam homens. Que a lira ressoa a toda hora, nem por qualquer motivo, não o digo eu; mas de longe em longe, e por algumas reminiscências... Sabe por que é lhe pareço poeta, apesar das Ordenações do Reino e dos cabelos grisalhos? é porque vamos por essa Glória adiante, costeando aqui a Secretaria de Estrangeiros... Lá está o outeiro célebre... Adiante há uma casa...

PL1/médico/narratário: — Vamos andando.” (DG:233)

(Lembramos que no segmento de diálogo, como em todo o resto do conto, são apenas as marcas gráficas do travessão que identificam a mudança de falante).

A leitura do segmento mencionado nos permite deduzir que:

- 1) o conto é parte de um diálogo entre dois personagens masculinos;
- 2) este diálogo já havia tido início antes;
- 3) comprova a ausência da instância narrativa.

Esta ausência, por sua vez, nos possibilita enquadrar o conto no primeiro grupo, dado que o relato está subordinado ao diálogo e o ato de narrar só se concretiza plenamente a partir do momento em que um dos personagens-locutores assume o papel de narrador, ao mesmo tempo que convoca seu interlocutor a assumir o papel narratário. Lembremos que nos contos do primeiro grupo, os papéis de narrador e de

narratário estão subordinados ao papel de personagem-locutor, uma vez que a narrativa se instaura dentro do diálogo, isto é, o diálogo precede o relato e este último encontra-se inserido no diálogo, que permanece até o final do conto, pois mesmo enquanto narra o personagem locutor 2 se dirige freqüentemente a seu interlocutor.

Em *A desejada das gentes*, cabe ao personagem-locutor 2, além de seu papel no processo interacional, também o papel de narrador e conseqüentemente a personagem-locutor 1 cabe o papel de narratário. Esta distribuição de papéis ocorre explicitamente quando o PL2 se dirige ao PL1 dizendo: "... Vou contar-lhe um caso interessante para mim, e creio que também para o senhor" (DG: 234). O trecho citado corresponde também a introdução de um tópico pessoal.

Ao assumir o papel de narrador, o personagem-locutor 2 passa a ter direito ao turno (produção de um locutor-ficcional ou não — enquanto estiver com a palavra) e isso provoca uma assimetria no diálogo, que até então vinha sendo simétrico. O PL1 como narratário passa apenas a fazer intervenções ora para obter esclarecimentos ora para tecer breves comentários sobre o que lhe está sendo narrado.

Vejamos um trecho do diálogo no qual há relato e que ilustra o que acabamos de afirmar:

PL2/conselheiro/narrador: — "... Iludido, a princípio, porque no meio de tantas candidaturas malogradas, Quintília preferia-me a todos os outros homens, e conversava comigo mais largamente e mais intimamente, a tal ponto que chegou a correr que nos casávamos.

PL1/médico/narratário: — mas conversavam de quê?

PL2/conselheiro/narrador: — De tudo o que ela não conversava com os outros; e era de fazer pasmar que uma pessoa tão amiga de bailes e passeios, de valsar e rir, fosse comigo tão serena e grave, tão diferente do que costumava ou parecia ser.

PL1/médico/narratário: — A razão é clara: achava a sua conversa menos insossa que a dos outros homens.

PL2/conselheiro/narrador: — Obrigada, era mais profunda a causa da diferença, e a diferença ia-se acentuando com os tempos. Quando a vida cá embaixo a aborrecia muito, ia para o Cosme Velho, e ali as nossas conversações eram mais freqüentes e compri-

das. Não lhe posso dizer, nem o senhor entenderia nada, o que foram as horas que ali passei, incorporando na minha vida toda a vida que jorrava dela. Muitas vezes quis dizer-lhe o que sentia, mas as palavras tinham medo e ficavam no coração. Escrevi cartas sobre cartas; todas me pareciam frias, difusas, ou inchadas de estilo. Demais, ela não dava ensejo a nada; tinha um ar de velha amiga. No princípio de 1857 adoeceu meu pai em Itabonari; corri a vê-lo, achei moribundo. Este fato reteve-me fora da corte uns quatro meses. Voltei pelos fins de maio. Quintília recebeu-me triste da minha tristeza, e vi claramente que o meu luto passava aos olhos dela...

PL2/médico/narratário: — Mas que era isso senão amor?
(DG:236-237)

Observamos que a expressão *Não lhe posso dizer, nem o senhor entenderia nada*, indica a manutenção mesmo durante o relato da continuidade do diálogo.

Assim como ocorre com o diálogo natural, o ficcional, como acabamos de demonstrar em *A desejada das gentes*, também pode ser simétrico ou assimétrico. Segundo STEGER (apud MARCUSCHI, 1986:16), o diálogo é simétrico quando os vários participantes têm os mesmos direitos à escolha da palavra, do tema e do tempo. O diálogo assimétrico, ao contrário, é aquele em que apenas um dos participantes tem o direito de ditar as normas quanto ao início e ao fim da interação, além de dirigí-la e orientá-la e exercer pressão sobre o outro interlocutor.

Consoante MARCUSCHI (1986:16) a simetria proposta por STEGER nem sempre é verdadeira, pois há diferenças de hierarquias entre os locutores que a impedem.

Semelhantemente à conversação natural, nos diálogos ficcionais vão ocorrer assimetrias determinadas pela diferença de posição hierárquica, econômica e social dos personagens-locutores.

No diálogo ficcional, em *A desejada das gentes*, a assimetria é determinada, como vimos pelo fato de um dos personagens-locutores assumir, a certa altura do diálogo, um papel diferente do de simples

locutor, isto é, ele passa a ser também o responsável pelo relato, tornando-se o dono do turno, enquanto o outro passa a ser apenas ouvinte.

Os diferentes papéis exercidos pelos locutores na conversação natural, quando durante um diálogo um dos locutores se propõe a relatar um fato, é também determinante de assimetria no diálogo.

Evidencia-se a assimetria no diálogo quando comparamos o trecho citado por último com o que introduz o conto. Essa estrutura dialogada, à qual o relato se encontra subordinado, caracteriza, como já vimos, uma narrativa que se organiza pelo método dramático de apresentação direta, e a esta narrativa denominamos primária. Ao passo que reservamos ao relato que se subordina a esse método dramático de apresentação direta a denominação de narrativa secundária.

Assim, temos em *A desejada das gentes*: uma narrativa primária que prescinde da presença do narrador e o diálogo que a constrói é explícito, uma vez que se organiza completamente em discurso direto-livre; uma narrativa secundária, subordinada à primária, na qual o PL2 — narrador autodiegético — relata os acontecimentos que o envolveram com Quintília, portanto trata-se de uma narrativa de experiência pessoal, cujo tema é o inexplicável comportamento feminino. Nesse conto o narrador exerce as funções de contar, resumir, contextualizar etc.

Na narrativa secundária, ao contrário da primária, os diálogos ficcionais são reportados e a presença da voz narrativa (PL2) permite que a interação entre os personagens se desenvolve em diferentes tipos de discurso, isto é, discursos direto, indireto, indireto livre e narrativizado.

Retomando a questão da instância narrativa, observamos que a ausência de narrador na periferia dos turnos dos personagens faz com que

Haja quase total ausência de caracterização dos personagens, o mesmo ocorrendo em relação às atitudes paralingüísticas, isto é, gestos, expressões faciais etc.

Contudo, embora raros, em *A desejada das gentes*, como em outros contos que se estruturam de forma análoga, é no discurso dos personagens-locutores, e, às vezes, através das formas de tratamento que os personagens usam ao interagirem, que percebemos alguns traços indicativos de características dos personagens, de atitudes paralingüísticas e do espaço onde a ação se desenvolve.

A caracterização dos personagens que fazem parte da narrativa primária e a indicação do espaço onde a ação se desenvolve dão-se nas formas de tratamento e em pequenos fragmentos do discurso dos

personagens-locutores. Assim é no discurso do PL1 e do PL2 que encontramos fragmentos caracterizadores dos personagens-locutores.

No turno 1, o PL1 se dirige ao seu interlocutor tratando-o por Conselheiro. Essa forma de tratamento, graficamente representada por maiúsculas, representa, possivelmente, a ênfase, marcada, na conversação natural, por uma entonação particular.

No turno que citaremos a seguir, pertencente ao PL2 (Conselheiro), há fragmentos de discurso que indicam o espaço onde a ação se desenvolve e acrescentam alguns dados sobre o personagem-locutor 2:

“Sabe por que é que lhe pareço poeta, apesar das Ordenações do Reino e dos cabelos grisalhos? é porque vamos por esta Glória adiante, costeando aqui a Secretaria de Estrangeiros... Lá está o outeiro célebre... Adiante há uma casa...” (DG: 233).

A expansão “cabelos grisalhos” caracteriza o PL2. Em outros turnos, todos pertencentes ao PL1, encontramos formas de tratamento, como *Conselheiro* e *senhor*, que de certa maneira, caracterizam o personagem-locutor 2 e sugerem que não há um grau maior de intimidade entre os personagens.

Quanto à descrição do PL1, praticamente inexistente. Sabemos apenas que se trata de um médico, aproximadamente da mesma faixa etária do Conselheiro. Essas indicações se referem na sua maioria à profissão do personagem, como podemos observar nas passagens abaixo:

- PL1/médico/narratário: — “chamava-se Quintília? Conheci de vista, quando andava na *Escola de Medicina*, uma linda moça com esse nome.(...)” (DG:233)
- PL2/conselheiro/narrador: — “Deixe a sua *fisiologia usual*, este caso é particularíssimo”. (DG:239)
- PL2/conselheiro/narrador: — “Não sei o que dirá a sua *Fisiologia*.” (...) (DG:240).

Salientamos que, como não há em *A desejada das gentes* um responsável pelo relato na narrativa primária, os aspectos paralingüísticos, que fazem parte do processo interacional que envolve o PL1 e o PL2, são indicados também no próprio discurso dos personagens-locutores. Estes aspectos são raros nas narrativas que se organizam pelo método dramático de apresentação direta.

Neste conto há apenas dois fragmentos de discurso, um do PL1 e outro do PL2 que transmitem aspectos paralingüísticos, mas estes

não têm o objetivo de comunicar alguma coisa, como um balançar de cabeça indicando ~~negação~~; descrevem apenas as reações do PL2 ao relatar os acontecimentos que o envolveram no passado. Isso acontece quando o PL2 se dirige ao PL1 e diz:

PL2/conselheiro/narrador: — “Veja a minha mão”.

e o PL1 comenta no turno seguinte:

PL1/médico/narratário: — “Treme-lhe ainda”. (DG:238)

Diferentemente do que ocorre na narrativa primária, na secundária, onde há a presença da instância narrativa (PL2), os elementos paralingüísticos aparecem com mais frequência. Neste caso eles são relatados pelo narrador.

Observa-se também que a mudança de turno no processo interacional que se desenvolve entre o PL1 e o PL2 é marcada por vários tipos de sinais gráficos, como: exclamação, reticência, ponto, interrogação.

Dos 29 (vinte e nove) turnos do PL1, 10 (dez) são interrogativos, 5 (cinco) terminam com reticências, 12 (doze) com ponto e dois com exclamações. Dos 29 (vinte e nove) turnos pertencentes a PL2, 4 (quatro) terminam com reticências, 2 (dois) com interrogação, 1 (um) com exclamação e 22 (vinte e dois) com ponto final.

Os dados acima têm uma relação importante com o desempenho de cada um dos personagens-locutores no processo interacional. Cabe ao PL1 o papel de narratário, ou seja, o que seria equivalente ao ouvinte de um relato de um evento na conversação natural. Exatamente por isso os turnos interrogativos e exclamativos que expressam respectivamente pergunta e admiração são mais comuns na sua produção; ao passo que os turnos terminados por ponto, portanto aqueles em que há o desenvolvimento e a conclusão de um tópico, pertencem em sua maioria ao narrador, ou seja, ao PL2.

Por outro lado, as cinco características básicas da conversação, segundo Marcuschi (1986: 15):

1. “interação entre pelo menos dois falantes;
2. ocorrência pelo menos de uma troca de falantes;
3. presença de uma seqüência de ações coordenadas;
4. execução numa identidade temporal;
5. envolvimento numa interação centrada”;

se fazem presentes no diálogo que constitui a narrativa primária do conto *A desejada das gentes*. Isso nos permite afirmar que Machado de Assis tinha plena consciência das normas conversacionais o que lhe permitiu mimetizá-las nos diálogos ficcionais que criou. Embora tenhamos na conversação entre personagens uma interação simulada —

dado que todo espaço ficcional é produto da imaginação — nela encontramos as cinco características organizadoras da conversação.

Além das cinco características básicas da conversação natural, observamos que aberturas e fechos, pares adjacentes (pergunta-resposta), interrupções, superposições, pausas e falas simultâneas, aspectos que freqüentemente aparecem em diálogos naturais, estão completamente ausentes do diálogo ficcional que constrói a narrativa primária em *A desejada das gentes*. Esta ausência se justifica também pelo método dramático de apresentação direta no qual o conto se estrutura uma vez que este prescinde, como já dissemos, da presença de instância narrativa. Contudo, em outros contos machadianos, particularmente naqueles do segundo grupo (contos em que o relato subordina o diálogo) cabe à instância narrativa nos comentários que realiza, as mais das vezes na periferia do discurso dos personagens, explicitar os aspectos acima mencionados.

Em *Anekdota pecuniária*, por exemplo, há um caso de fala simultânea, que é transmitido ao leitor pelo comentário do narrador na periferia do discurso do personagem:

- “— É falsa? perguntou com impaciência um dos meninos.
- Não; é verdadeira
- Dê cá, *disseram ambos* (AP:147)

Como podemos observar, a expressão “disseram ambos”, pertencente ao narrador, explicita a simultaneidade da fala dos personagens.

Já em *Último capítulo*, conto pertencente ao segundo grupo, mas no qual o diálogo explícito, isto é, aquele constituído por discurso direto e direto livre, é escasso, encontramos, ainda assim, um caso de interrupção contextualizado pelo narrador:

- “— Rufina, você sabe que o Gonçalves vai se casar?
 - É caçoada dele, interrompeu vivamente o Gonçalves.”
- (UC:81)

Isso nos leva a concluir que embora à primeira vista o discurso do narrador possa parecer irrelevante para o diálogo entre personagens, uma análise um pouco mais acurada nos demonstra que é nesse discurso que vários aspectos característicos do processo interacional se fazem presentes.

Se por um lado o diálogo explícito (em discurso direto livre e direto) no qual há respectivamente ausência completa e parcial da instância narrativa, nos permite afirmar, considerando apenas o plano lingüístico, que o diálogo ficcional assim

estruturado é o que apresenta maiores semelhanças com a conversação natural. Por outro lado, há nesses diálogos a perda de muitos dos aspectos paralingüísticos que são relevantes no processo interacional como um todo. Isso é o que parece nos provar a análise que realizamos do diálogo ficcional que constitui a narrativa primária do conto *A desejada das gentes*.

BIBLIOGRAFIA

1. ASSIS, Machado de. Anedota pecuniária. In: *História sem data*. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1977. p. 146-55.
2. ———. A desejada das gentes. In: BRAYNER, Sônia, org. *O conto de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981. p. 233-40.
3. ———. Obra completa, Organizada por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, Aguilar, 1962. 2 v.
4. CALDAS, Carmen Rosa. Dialogue in fiction, *Ilha do desterro*, Florianópolis, SC, (11): 83-92, 1984.
5. ———. Reported speech in written narrative texts. In: COULTHARD, R. M., ed. *Discussing discourse*. Birmingham, University of Birmingham ELR, 1987, (Discourse analysis monograph, 14).
6. CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Ensaio machadiano*. 2. ed. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico; Brasília, INL, 1977.
7. CÂNDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo, Duas Cidades. 1970.
8. GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Lisboa, Arcádia, 1979.
09. ———. Fronteiras da narrativa. In: *Análise estrutural da narrativa*. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1971. p. 255-74.
10. MARCUSCHI, Luiz Antonio, *A ação dos verbos introdutórios de opiniões*. Recife, Mestrado em Letras e Linguística da UFPE, 1981. (Mimeografado).
11. ———. *Análise da conversação*. São Paulo, Ática, 1986.